

Officina de composição
e impressão de
MANUEL BAPTISTA TORRES
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRETOR
Manuel Baptista Torres
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 407

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

8.º ANNO

PAGAMENTO ADIANTADO

NUMERO AVULSO, 30 REIS

RESPONSABILIDADES

O TRUNFO É ESPADAS

NÓS, O MILITARISMO E OS DIRIGENTES REPUBLICANOS

Promettiamos no ultimo domingo demonstrar hoje aqui que tendo previsto, com precisão mathematica, os actuaes acontecimentos politicos, tambem haviamos previsto o caracter militar da dictadura, denunciando, em successivos artigos, no meio da maior indifferença, do mais absoluto silencio de toda a imprensa republicana, o trabalho terrivelmente reaccionario que se estava fazendo pela secretaria da guerra.

Cumpra-se a promessa. Mas, já agora, remontemos atraz, a um periodo anterior ao do actual ministerio, mais fica-se sabendo bem porque republicanos e monarchicos se deram as mãos para sacrificar o sr. Homem Christo.

Este homem era o espirito da democracia, e republicanos e monarchicos nada detestam tanto n'esta terra como o espirito democratico. Sendo o espirito da democracia, combateu por todas as fórmulas o exercito portuguez. Ao mesmo tempo que se impunha a tarefa de demonstrar quanto seria facil, quanto mais possivel, converter o exercito n'uma grande escola de instrucção e educação, n'uma grande escola de civismo, revelava e flagellava na imprensa toda a iniquidade e todos os revoltantes abusos dos quartéis. No meio do applauso, ao menos, dos republicanos? Não. No meio do retrahimento feroz, rancoroso, criminoso, ainda que estupidamente, da sua imprensa. Porque, — sempre o temos dicto, — se, nas suas relações com osco, os dirigentes do partido republicano nunca deixaram de mostrar a sua perversidade, tambem nunca deixaram de mostrar a sua grande estupidez.

Mas não antecipemos commentarios. Os commentarios apparecerão naturalmente.

Eis o que escreviamos aqui em 30 de abril de 1905, sob o titulo *Não teem razão*, estando no poder o partido progressista e sendo ministro da guerra o sr. Sebastião Telles:

«Ao que se diz, vae uma certa indignação nos quartéis, porque o ministro da guerra não quiz incluir nas suas propostas augmento de soldo aos officiaes do exercito. E fala-se em ameaças—já esses rumores correm a imprensa—e em outras attitudes hostis dos referidos officiaes.

Na verdade, não é das mais desafortunadas a situação d'esses servidores do Estado, os quaes clamam que tudo tem augmentado de preço nos ultimos vinte annos, tornando-se assim attribulada a sua existencia. Na verdade. Mas o que tambem é verdade é que não ha nada mais lamentavel, porque nada mais desmoralizador e mais iniquo, do que os officiaes do exercito formularem ameaças ou tomarem attitude hostil somente para exigirem mais promoções ou mais dinheiro.

Sómente para isso!
Nada mais desmoralizador! Nada mais iniquo!

Seremos nós o unico a diz-lo. Não de ver: seremos nós o unico a dizer esta verdade, como temos sido o unico a dizer outras d'alta moralidade e d'alta justiça. Pois é o mesmo. Nem por isso desanimamos ou tememos.

Nenhuma classe poderia ter coagido, mais eficazmente, os governos a administrar com honra e com patriotismo que a classe dos officiaes do exercito. E, para isso, não era preciso praticar actos de indisciplina, nem fazer revoluções. Bastaria ter opinião, opinião firme, opinião decidida, e fazer-la constar. Seria o bastante. E, quando o não fosse, estava então justificado, e impunha-se, o caminho dos meios extremos.

Em vez d'isso, porém, os officiaes absteram-se. E quando foi preciso intervir, a sua intervenção realisou-se sempre, sem reluctancias, antes com facilidade e espontaneidade, em favor da ordem publica, isto é, em opposição aos protestos nacionaes contra os attentados do poder.

Com que direito, com que razão, com que justiça, reclamam agora augmento de vencimento a titulo de ter crescido o preço das subsistencias e de todos os generos necessarios á vida?

Das duas, uma. Ou os senhores são instrumentos passivos dos governos, e obedecem-lhes em nome d'uma supposta disciplina e abstenção da vida publica, ou não são. São? Não teem que fazer ameaças surdas ou que murmurar das propostas d'um ministro. Não são? Porque protestam, então, porque ameaçam, porque murmuram, de fórma a fazerem-se temer, somente quando se sentem directamente offendidos ou prejudicados?

Não pôde ser. Se as bayonetas servem para afogar, por um lado, as reivindicações e os protestos legitimos do elemento civil do paiz, e para impôr, por outro lado, as exigencias do elemento militar, o exercito tornou-se a mais tyrannica e a mais odiosa de todas as instituições.

Não pôde ser. Cresceu terrivelmente o preço das subsistencias?

Cresceu. Cresceu terrivelmente o preço das habitações?

Cresceu. Cresceu terrivelmente o preço do vestuario?

Cresceu. Mas cresceu para todos. Cresceu tambem para o proletario. Cresceu tambem para o miseravel. Cresceu tambem para o faminto.

E o que fizeram os senhores ao proletario, ao miseravel, ao faminto, á menor tentativa que elle fez de dar um pio?

O preço de tudo isso subiu para alimentar oligarchias revoltantes. A sombra d'um proteccionismo escandaloso engordaram especuladores de toda a ordem. Para esbanjamentos sem nome arrancou-se ao impódo do consumo, isto é á barriga, ao sangue do pobre, quantias fabulosas.

O que fizeram os senhores, sempre que as victimas sahiram para a rua a gritar misericórdia?

Ah! Se os não esmagaram foi porque os miseros se apressaram a fugir. D'outra fórma seriam esmagados, como na Russia.

Dar para baixo n'essa canalha, é o grito de todos os quartéis sempre que na rua se formula o mais insignificante protesto. Sabe-se dos quartéis de peito feito para fazer fogo ao mais ligeiro signal de resistencia...

Cresceu o preço das subsistencias e de todos os generos de primeira, de segunda, e de terceira necessidade? Cresceu. Mas o remedio não é pedir augmento de vencimentos, agravando-se, d'essa fórma, ainda mais a situação do desgraçado que leva bordoadas quando

grita que tem fome. O remedio é fazer descer o preço das subsistencias e de tudo, acabando com as especulações das oligarchias negregadas e com os esbanjamentos das quadrilhas officiaes odiosas.

Como ha de o official pedir augmento de vencimento esquecendo-se de que um soldado ganha um vintem?

Pois as bayonetas dos homens que ganham um vintem é que hão de ser a força do official que exige melhoria de vencimento?

Um soldado ganha um vintem por dia. E ai d'elle se não trouxer, sempre, as botas engraxadas! Ai d'elle se não trouxer, sempre, a barba feita! Ai d'elle se não trouxer, sempre, o cabelo cortado! Ai d'elle se não mudar de lençoes e não vestir roupa lavada todas as semanas!

Como ha de o official pedir augmento de vencimento para si, esquecendo-se de o pedir para o soldado?

Não pôde ser! Não pôde ser! O pedido do official só será justo quando elle se resolver a ser um cidadão. Quando collaborar activamente na obra grandiosa da regeneração da sua patria. Quando conjugar os seus interesses com os interesses dos outros.

N'esse momento, sim. Terá razão, e terá auctoridade para impôr a sua razão.

Antes d'isso, o que se lhe afigura direito é tyrannia. O que lhe parece justiça é simplesmente uma grande iniquidade.

Era natural que este artigo provocasse a indignação de varios figurões da tropa, e assim aconteceu. Um celebre capitão Freitas, que synthetisa admiravelmente o espirito dominante nos quartéis, do qual se pôde considerar um simbolo perfeito, figura desconhecida da enorme maioria dos leitores, mas demasiadamente conhecido por todos os habitantes de Coimbra, lia-o a um grupo de officiaes do regimento de infantaria 23, não se atrevendo nenhum d'elles a pedir na occasião satisfações ao capitão Homem Christo, ou a mostrar-lhe, sequer, na presença, o menor signal de desgosto, mas preparando-se todos para a occasião, se um dia a occasião viesse. E o mesmo tinham feito anteriormente, quando o capitão Homem Christo, nas suas cartas a proposito do ensino por companhias, desvendava a famosa mandrice dos quartéis, flagellando os senhores officiaes por allegarem que não tinham tempo para ministrar o ensino de primeiras letras aos soldados, quando, affirmava o sr. Homem Christo, passavam a vida a jogar as damas, o dominó, ou o gamão. E o mesmo fizeram posteriormente, sempre que o capitão Homem Christo escrevia qualquer artigo contra o feroz e estupidissimo militarismo, que era, e é, uma das grandes chagas d'esta terra.

Commentavam, bramavam, nas costas d'aquelle official, mudos e risinhos na sua frente, á espera da occasião, como é proprio do caracter nacional.

Devemos observar que não nos referimos a todos os officiaes de infantaria 23, que havia entre elles espiritos esclarecidos que não se enfureciam com as justas apreciações do capitão Homem Christo.

Mas, emfim, os militares eram logicos, eram coerentes. Que dizer, porem, dos jornalistas republicanos? Esperavamos ser o unico a escrever aquellas verdades, que deveriam ser repetidas por quantos se diziam representar os interesses da democracia e da patria. Pois não se limitaram os jornaes republicanos a ficar calados. O Mundo sahiu a campo a defender a odiosa pretensão dos senhores officiaes, facto referido e castigado por nós no Povo de Aveiro de 14 de maio e nos numeros seguintes.

Tinha-se dado então por uma grande maroteira que se vinha praticando ha annos com o fornecimento de pannos ao exercito. Os pannos eram falsificados. D'ahi resultava os artigos de vestuario não terem a duração determinada pelo regulamento. Ora todas as vezes que um artigo de vestuario se inutilisa antes do prazo legal é castigado o cabo, soldado, corneta ou clarim, seu possuidor. E castigado monetariamente e disciplinarmente. E castigado monetariamente porque a praça n'essas condições passa a maximo desconto, não recebendo então os miseros 20 rs. por dia, mas 10 reis simplesmente. Castigado disciplinarmente, porque alem da faculdade que tem o superior de lhe applicar esse castigo, visto ser infracção expressa arruinar os artigos de armamento, fardamento ou equipamento, desde que 10 reis por dia não chegam de fórma nenhuma para o soldado manter o aceio que lhe impõe o regulamento, pôde o superior ser magnanimos não lhe impondo o castigo directo pela ruina d'artigos de fardamento antes do prazo legal, que nem por isso a praça deixará de ser fatalmente castigada pelas infracções que fatalmente hão de resultar da sua situação de maximo desconto.

Assim haviam sido iniquamente castigados milhares e milhares de soldados no exercito portuguez. Iniquamente! A duração dos artigos havia sido fixada sobre a hypothese da boa qualidade do panno. Ora se o panno era falsificado, evidentemente não podiam os artigos durar tanto como se o panno fosse bom. Logo o castigo resultava iniquo, iniquidade á qual estavam presos todos os officiaes do exercito, uns com responsabilidade—os membros da commissão de lanificios e dos conselhos administrativos dos corpos—e outros—todos os mais—sem responsabilidade immediata ou directa.

Tratando este caso gravissimo no Povo de Aveiro de 14 de maio de 1905, diziamos:

«Que attitude tomam perante isto os officiaes, que lamentam que os seus magros ordenados não cheguem para as difficuldades da vida que os assoberbam? O remedio é pedir augmento de vencimentos? Não. O remedio é pôr termo definitivo a todas as ladroerias, a todas as infanias. No dia em que isso succeder, diminuirão notavelmente as difficuldades que cercam não só os officiaes como todos os cidadãos portuguezes, sem o odioso que recahiria agora sobre a officialidade do exercito, se, lembrando-se de si, se esquecesse dos outros completamente, a começar no misero soldado.

Bem sabemos que não conseguiremos, com estas palavras, despertar a attenção das magnanimas folhas democraticas, como já n'outro dia aconteceu com o artigo do Povo de Aveiro. Principalmente dos diarios, dos excelsos diarios republicanos, muito preoccupados com altos problemas sociaes. Nem por isso é menos verdade que se vem commettendo no exercito, ha muitos annos, um roubo espantoso, revestido das mais odiosas circumstancias. Tem sido roubada a fazenda nacional, que paga as dividas dos soldados, se ellas não estão solvidas quando elles passam á reserva; tem sido roubado o soldado, que fica ganhando dez réis em vez de ganhar um vintem; e foram amarrados a essa infancia como cumplices, embora cumplices inconscientes, os officiaes, obrigados a propôr e votar o maximo desconto e a castigar os soldados por arruinares os artigos de vestuario,—fabricados com fazendas falsificadas como agora se prova,—antes do tempo legal de duração.

Centenares de contos teem sido roubados d'essa fórma. Ouçam bem: centenares de contos. E os ladrões, os gran-

des ladrões, ficarão impunes. Este é o caso!

Seria agora uma bella occasião dos officiaes do exercito imporem a sua vontade. Desde que os ladrões tiveram a audacia de os tornar instrumento da vilissima roubalheira, seria um dever moral que elles usassem de toda a sua força para que os ladrões fossem severamente castigados. A sua indignação seria mais do que legitima: seria um acto imperioso de decoro pessoal e de decoro publico. Acatava-se, respeitava-se, applaudia-se, porque se impunha. Era um acto de justiça e um acto de honra.

O que farão?

Nada. Pois então quando se procede assim perdeu-se a auctoridade toda para imposições de interesse meramente pessoal.

Não se pôde contestar esta verdade. Não bastava ficar impune a ladroeria infrene praticada em todos os ramos da administração publica. Ainda agora ficará impune um roubo infame, atirado, como um sarcasmo, á face da classe militar, á mais poderosa da nação!

A que isto chegou!

Quanto isto desceu!

Não despertámos, como previamos, a attenção das magnanimas folhas democraticas. E os senhores officiaes emparceiraram com ellas no magestatico desdem. Nós, porem, continuámos, e em 21 de maio diziamos:

«Como vimos, tem-se commettido no exercito um enorme roubo, em especialissimas circumstancias de iniquidade e immoralidade. Mas, como dissémos, com isso ninguém se importa. Absolutamente ninguém. Nem mesmo as honradas folhas democraticas, que continuam, na sua maioria, a discutir a sr.ª ministra, e as intrigas em que se debate toda a ignobil politica portugueza.

Que importa lá que o misero soldado ganhasse dez réis por dia e soffresse castigos disciplinaes para engordar ladrões que ficam impunes? Que importa lá? A humanidade das honradas folhas democraticas não vae alem de incitar o soldado a assassinar o official, e a commetter as mais perigosas e odiosas insubordinações. Então, sim. Então é que surge o espirito humanitario dos democraticas. Mata-se um homem? Viva o assassino, que se vingou da tyrannia! Mas procurar as causas d'essa tyrannia para as remediar é problema secundario para os famosos publicistas republicanos.

O Mundo, por exemplo, anda a publicar umas cartas d'um supposto ou real subalterno do exercito pedindo melhoria de vencimento. A vér, é claro, se, fazendo a bocca doce aos homens, elles se resolvem a fazer a revolução. Não resolvem, collega, não resolvem. Tire d'ahi o sentido. Em primeiro lugar, os collegas revolucionarios fazem por um lado e desfazem pelo outro. Agora, ou então caladinhos como uns ratos deante das pretensões injustificadas dos officiaes, ou os auxiliam n'essas pretensões. Agora, que os officiaes não teem justiça. Mas amanhã voltarão a fazer o que fizeram hontem, isto é, a bater palmas ao primeiro assassino que, justificada ou injustificadamente, se lembrar de tirar a vida a qualquer d'elles. E a chamar-lhes tyrannos, patifes, tudo quanto lhes vier á cabeça. E a assoberar, por todas as fórmulas, o odio da caserna contra elles. Em segundo lugar, é claro que o official, que, em regra, ja tem dado sobejas provas de absoluto desprezo pelos interesses do paiz, só poderá revoltar-se contra a monarchia se ella deixar de lhe pagar, e nunca enquanto ella lhe pagar.

De fórma que a attitude dos excelsos diarios republicanos é desploravel, quer sob o ponto de vista da moral, da justiça, quer, mesmo, debaixo do ponto de vista da tática revolucionaria.

Tenha o official, em absoluto, razão, ou não tenha, a verdade é que falta toda a auctoridade para reclamar augmento de vencimentos, dado o seu despezo pelos interesses publicos, e attendendo a que as outras classes do exercito estão mais mal pagas ainda do que a sua, sem que elle se importe com isso para coisa nenhuma.

O soldado já não chega a ganhar sempre um vintem por dia. Ganha muitas vezes dez réis, unicamente, para enriquecer os ladrões dos pannos, que teem ficado impunes até hoje e que continuarão a ficar impunes de futuro.

Mas abundam as anomalias e as iniquidades no exercito.

Uma d'essas anomalias era a do mestre de musica, que, ganhando em 1314 nove centos e setenta e cinco réis diarios, e em 1899,—com 40 réis de readmissão,—1030 réis em Lisboa, Porto e Elyas, e 1010 réis em todas as outras guarnições, sendo praça de pret, passara em 1901 a ganhar sómente, como official, trinta mil réis mensaes, isto é menos do que ganhava em 1814, porque em 1814 não pagava, como praça de pret, o armamento e o equipamento á sua custa, nem carta de patente, nem imposto de rendimento, nem compensação para a reforma. Analysavamos isto largamente, e concluíamos:

«Os desgraçados teem-se fartado de reclamar, de protestar, de pedir, de supplicar. Quem os tem apoiado? Todos se teem rido das suas supplicas e das suas reclamações. Em Portugal ninguém quer saber senão do interesse proprio. Com o interesse do visinho ninguém se importa, por mais attendivel e justo que elle seja. Pelo contrario, toda a gente gosta de ver bater nos outros. Enquanto se bate nos outros applaude-se, e bate-se tambem. E' o que teem feito os illustres officiaes do exercito, promptos a ajudar os governos na inutilisação de todas as regalías, no assassinato de todas as liberdades, no estrangulamento de todos os protestos. E só agora se lembram de falar grosso porque estão mal pagos. Pois tambem os outros estão mal pagos.

Os mestres de musica, coitados, que não podem fazer revoluções com os trombones, e que não mettem medo com os clarinetes, ganham hoje menos do que em 1814, como vinhamos dizendo, e de nada lhes teem valido supplicas nem reclamações. Ora estas monstruosidades é que deviam acabar. Antes de pedirem augmento de vencimento para si, deviam os senhores officiaes impôr justiça para os outros, não consentindo que um soldado ganhe dez réis, e nem sequer um vintem por dia, e que um mestre de musica esteja a vencer menos do que vencia ha cem annos.

Mas d'isso não querem elles saber. O povo que arrebente e os outros da classe que os leve o diabo. Ah! que ainda veem a pagar caro esse egoismo!

Reconsiderou o Mundo? Não. O Mundo persistiu em defender o augmento de soldo, augmento de que resultou o caracter militar da dictadura, e a propria dictadura, que actualmente pesa sobre o paiz. Isto é interessantissimo. Isto é curiosissimo. Vêr-se-ha que os republicanos nem só nunca souberam defender a liberdade como foram sempre elles que, asnativamente, provocaram e prepararam o caminho ao despotismo. E' interessantissimo! E' curiosissimo!

O Mundo persistiu e nós persistimos tambem. Em 4 de junho, sob o titulo *Cada vez teem menos razão*, continuavamos:

«Continúa a debater-se na imprensa politica e na imprensa militar a questão do augmento de soldo aos officiaes do exercito. Os proprios jornaes republicanos, como já vimos aqui pelo Mundo, salvos duas ou tres honrosas excepções em collegas da provincia, auxiliam as pretensões injustas d'aquelles senhores.

E' um erro. E' um grande erro. Parte da imprensa republicana collabora incessantemente na obra da dissolução monarchica. E, conscientemente ou não, pratica um grande erro politico, um gravissimo attentado patriótico e um verdadeiro crime social. Tenham paciencia, mas não de ouvir a verdade. Nós é que não seremos cúmplice em desvarios de tal ordem.

Agora mesmo se provou mais uma vez, com a formidavel derrota da esquadra russa, quanto pôde a acção nefasta, sobre a força publica, d'um regimen condemnado. Repetidas vezes nós temos dicto aqui: «o segredo da derrota da Russia está exclusivamente no facto do exercito ter sido convertido em guarda do regimen, em vez de ser mantido no nobre papel de defensor da nação. Exercito destinado a fazer a policia interna, a salvar o throno das investidas da consciencia publica, pôde servir maravilhosamente para abafar os gritos de protesto, para esmagar as multidões que clamam. Mas é inteiramente impotente para salvaguardar, dos inimigos externos, a honra e os interesses da nação. Assim foi na França em 1870, assim foi hontem na Hespanha, assim é hoje na Russia, assim será em toda a parte.»

Temo-lo dicto muita vez. Deviam dizê-lo, para precisar responsabilidades e accordar o sentimento e o criterio transviado ou adormecido da nação, todos os outros periodicos republicanos. Infelizmente, a nossa voz ficou sem echo. Fomos nós, somos nós, o unico a dizê-lo.

Ha pouco um jornal de Beja, em discussão com o *Nove de Julho*, prezado collega d'aquella cidade, escreveu que nós queriamos mal á classe dos officiaes do exercito. Nem mal, nem bem. A missão d'um jornal republicano é fazer justiça, é afirmar a verdade. E' pôr o interesse nacional acima de tudo. Não é lisongear nem vituperar classes, não é favorecer nem prejudicar individuos ou facções.

Porque haviamos de querer mal á classe dos officiaes do exercito? Quando não fosse sentimento ruim, pelo menos seria estupidez.

Isso são meros subterfugios. Em vez de lançarem mão de subterfugios, prôvem os senhores officiaes que teem auctoridade e que teem razão. E' preciso provar as duas coisas. Uma só não basta.

Ora os senhores officiaes não teem auctoridade porque os senhores officiaes teem sido os peores cúmplices no estado actual a que chegámos. E os senhores officiaes não teem razão porque, se estão mal pagos, ainda o estão melhor que outras muitas classes da nação.

Eis o caso simples.

Nós nunca exigimos, já o dissimos, não exigimos ainda, não exigiremos nunca, que os senhores officiaes tomem iniciativas de revoluções. O que exigimos,—e tinhamos, e temos direito a isso,—é que os senhores officiaes procedessem como patriotas e como cidadãos. Quando o fizeram? Ha muitos annos que se não ouve a voz dos officiaes do exercito n'esta terra senão para pedir augmento de vencimento e melhoria de condições. E' lhes vedado falar? Então é-lhes vedado falar em tudo e para tudo.

Mas se lhes é vedado falar como militares, não lhes é vedado falar como eleitores e como elegiveis. Que uso fizeram os senhores officiaes do sagrado direito do voto?

Ou o dêram aos governos, ou não foram á urna. E' mentira? Quem é capaz de o afirmar com a mão na consciencia?

Como deputados e como pares do reino, quantas altas questões de economia e de moralidade publica, independentes das especulações e facciosismos partidarios, levantaram os senhores officiaes? Quantas reformas militares, mesmo, reformas militares dignas d'esse nome, e não as *reformas* que todos nós conhecemos, propozeram, defenderam, discutiram?

Na melhor hypothese—vamos lá sempre á melhor hypothese—fizeram o mesmo que os outros. Pois se fizeram o mesmo que os outros, aguentem-se e sofram como os outros.

Ficarem com a parte do leão, porque, quando falam, se sentem tinar as bayonetas dentro dos quartéis, e ainda por cima taparem os outros a bocca ou dizerem *amen*, isso é que não.

Aqui não ha quem tenha má vontade á classe dos officiaes do exercito. Ha simplesmente quem tenha um pouco de desassombro para afirmar a verdade e defender a justiça.

Agora mesmo se descobre que as peças de panno fornecidas ao exercito eram falsas. Quem o descobriu? Foi o Freire, o gravador! A maior parte dos coronéis do exercito nunca se lembraram de reclamar, ou protestar.

Milhares de peças eram mandadas para os regimentos sem fiscalisação. A commissão technica esquecia-se de fiscalisar! A commissão administrativa entendia que as podia carimbar, e expedir para os regimentos, sem que a commissão technica as fiscalisasse! Os coronéis viam que o panno não prestava e entendiam que não precisavam de reclamar, nem de protestar! Resultado? Os artigos não tinham a duração da lei. Como não tinham a duração da lei, os soldados soffriam o maximo desconto. Com o maximo desconto, passavam de um vintem a dez réis por dia. E todos os annos os fornecedores recebiam um folar para ahi de **quinientos contos**, que não lhes renderia menos a torpissima falsificação, á custa dos miseros dez réis do infeliz soldado.

Pois os senhores esquecem-se d'isso tudo?

Ah! não. *Noblesse oblige*. Onde o soldado ganha dez réis, o official não abre a bocca para pedir melhoria de vencimentos. Ou então pede-o tão baixinho que ninguém o ouça.

Isto não é querer-lhes mal, senhores. Isto é querer-lhes bem.

Agora mesmo eu abro uma revista militar e vejo que um alferes se queixa, amargamente, d'um caixeiro de commercio ganhar *duas vezes* o que elle ganha. Concordemos: é arrojado. Sim, senhores, fale a voz da verdade, fale a voz da justiça na consciencia de cada um, e concorde-se: é arrojado. Que um homem, que é official ha vinte, vinte e cinco ou trinta annos, diga: a vida é carissima, dobrou os pés com a cabeça desde que eu sou official! vá lá, com o demo. Não tem auctoridade, não tem razão em absoluto, pelos motivos já expostos. Mas vá lá, com o demo! Que um homem, porem, que seguiu a profissão das armas, muito voluntariamente, quando as coisas eram o que são, nos diga agora: eu devo ganhar mais porque um caixeiro ganha *duas vezes* mais do que eu é forte, é forte! E' arrojado inaudito!

E porque não seguiu *sua senhoria* a vida de caixeiro?

Ainda está a tempo. E' tão novo! Peça a sua demissão e vá-se embora.

Ah! senhores, era assim que procedia o exercito francez antes de 1870! Era assim que procedia o exercito russo antes da queda de Porto Arthur, antes das derrotas da Mandchuria, antes d'esses terriveis desastres no mar, e d'esses terriveis desastres em terra! Só falava grosso para pedir augmento de vencimentos ou promoções!

E conseguia-o. Ouviu o Mundo? Ouviram as gazetas republicanas?

E conseguia-o. O grande mal é esse.

Sim! Sim! O grande mal é esse! Interessantissimo! Interessantissimo!

E para o interesse ser completo, ouça-se ainda o que diziamos no numero anterior do *Povo de Aveiro*, o de 28 de maio de 1905:

«Diz-se em todos os quartéis que a questão do augmento de soldo vá por diante *porque sua magestade assim o quer*. Ora se sua magestade assim o quer é claro que a coisa é certa. Achamos apenas engraçado que o Mundo,—inconscientemente, note-se, não se veja n'isto insinuação maliciosa—esteja fazendo, se é certo o que se diz, o jogo de sua magestade. A não ser que seja sua magestade que esteja fazendo o jogo do Mundo. Quem sabe? Talvez que os republicanos, d'esta vez, ganhem a partida. Talvez!»

Interessantissimo! Interessantissimo!

A unica politica que convinha á democracia e ao partido republicano era a que faziamos aqui. Ao mesmo tempo que tratavamos as questões de maior importancia para o paiz, questões d'instrução, questões d'alimentação, questões de assistencia sob todos os aspectos, ao mesmo tempo que defendiamos os mais largos e generosos principios, ao mesmo tempo que debatiamos,—educando, instruindo,—as idéas em gyro na mentalidade moderna, ao mesmo tempo que combatiamos a reacção por todas as fórmulas, ao mesmo tempo que faziamos os maximos esforços para elevar o nível moral e intellectual d'esta raça, incapaz de conquistar e manter a liberdade no estado de selvageria em que se encontra, advogavamos a melhor tactica politica em face d'um governo que se apresentava a fazer uma experiencia decisiva, que tão funesta, como vantajosa, poderia ser á causa liberal.

Pois só nos valeu isso o odio das facções republicanas, que provocavam com os seus disparates o despotismo e que asnativamente facilitavam o caminho para a dictadura.

Interessantissimo! Interessantissimo!

E porque é interessantissimo continuaremos no proximo numero.

Vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, ao Recio, e na Tabacaria Americana, ao Chiado, na rua Nova do Almada 46, junto á drogaria Falcão, na Havaneza de Alcantara, mercado d'Alcantara n.º 6, e no Bazar da rua Direita de Belem, 103. Em Coimbra na Tabacaria Central, rua Ferreira Borges, 27, e em Aveiro no kiosque de Antonio de Souza, Largo de Luz Cypriano.

Cartas de Lisboa

23 DE MAIO

Na reunião dos dirigentes republicanos—directorio, deputados, jornalistas, commissões parochiaes—realizada domingo no Centro de S. Carlos, disse o sr. Teixeira de Queiroz—ou, pelo menos, a *Lucta*, jornal onde as leio, attribue-lhe essas palavras—que o que se impunha agora era uma politica de attracção; depois, estabelecida a republica, se faria a necessaria depuração.

Mas isso é estúpido! Cada vez me convenço mais de que o maior mal d'esta terra é a estupidez. A cada passo descubro quanto é mentirosa a reputação de intelligentes feita em roda dos grandes homens do meu paiz.

Mas isso é estúpido! E, alem de estúpido, é immoral, porque vem afirmar mais uma vez aquelle espirito de quadrilha que tem dominado a politica portugueza e de que o partido republicano nem soube, nem sabe, libertar-se.

Triste coisa, esta de não se lêr, em regra, n'um jornal republicano, de não se ouvir, em regra, n'uma reunião republicana, um artigo, um discurso que, pela originalidade ou novidade do ponto de vista, pelo acerto da orientação, pela largueza do pensamento, pela elevação da idéa ou do processo, se destaque da rotina, da mesquinhez, da vulgaridade que caracteriza toda a vida nacional.

Dizia-nos ha dias um homem que vê as coisas com rara lucidez, e que, por isso mesmo, nem é politico, nem litterato, porque tudo quanto é verdadeiramente intelligente se retrai em Portugal, como que envergonhado de se confundir com a mediocridade arvora da em merito, com a charlatanice proclamada como a fórmula mais brilhante do talento:

«Sabe porque tudo isto é uma desordem? Porque tomando nós certas exterioridades de progresso, ficamos, no fundo, o que eramos ha cem annos. Fizemo-nos casquilhos sem deixarmos de ser selvagens. Com a differença de termos perdido n'esse esforço pela moda a regra dos tempos passados, não conseguindo adquirir a regra do tempo presente. Até esses que se dizem revolucionarios são archaicos, afinal. Pozeram gravata encarnada, mas ficaram a lêr pela cartilha do padre Ignacio.»

Ora tal e qual. Tal e qual.

A que politica de attracção se referiu o sr. Teixeira de Queiroz? Só ha uma nos partidos democraticos. Só uma pôde haver: a politica de principios. Foi a essa, que o partido republicano tem posto de parte inteiramente, que o sr. Teixeira de Queiroz se referiu? Não, que n'esse caso seria inutil appellar para a depuração. O sr. Queiroz quer, depois da Republica estabelecida, a necessaria depuração. Logo, a politica de attracção que se impõe agora, no parecer do sr. Teixeira de Queiroz, é a politica de alistamento, de recrutamento, de attracção das individualidades. Venha gente, venha gente, e seja que gente for! Arregimente-se tudo, e falaremos depois!

Mas isso, meu caro senhor, já nem se faz na tropa, que é uma instituição despotica, quanto mais n'um partido que se diz de liberdade e de moralidade. Isso fazia-se

na tropa quando havia varadas. Então, sim. Apanhavam-se os homens á gaita, bons ou maus, desavergonhados ou honrados, porque, para os malandros, lá estavam as quatro centas varadas do estylo. Quatro centas varadas bem puxadinhas no lombo do pobre diabo eram a sentença de morte sem *appello nem aggravato*. Eram a necessaria depuração. Eram a maneira de remediar o grave inconveniente do alistamento a cordel. Mas depois de acabarem as varadas começou o proprio exercito, com todos os recursos despoticos de que dispõe ainda, a rejeitar os malandros provados, os incorrigiveis, os vadios. Iriam contaminar os homens puros, demais sendo certo, sendo da sabedoria das nações, que são os maus exemplos, os maus principios, que se tornam contagiosos, que se propagam a correr, e não os bons. E desmoralizada a tropa, não tem o regulamento actual meio energico bastante para fazer a necessaria depuração.

O que se fazia dantes no exercito fazia-se na politica, e comprehendia-se que se fizesse na politica como se comprehendia que se fizesse no exercito. Os partidos eram quadrilhas, e não podiam ser senão quadrilhas. Tomavam o nome e a bandeira dos homens e não o nome e a bandeira dos principios.

Mas hoje? Como quer o sr. Teixeira de Queiroz arregimentar homens como se arregimentavam no tempo do Beresford ou do Pina Manique?

Seria melhor que o sr. Teixeira de Queiroz declarasse que o partido republicano, na sua opinião, dispensava, d'aqui para o futuro, a etiqueta da liberdade e da moralidade. Tinha o merito da franqueza. Acabavam-se os equívocos.

Mesmo no tempo do Beresford, o acatamento da regra era elemento mais valioso, bem mais valioso, para a força e moralidade dos exercitos, que a applicação das quatro centas varadas. Foi no cumprimento exacto do regulamento, da lei, na sua observancia rigorosa por parte de officiaes e de soldados, que assentou o valor dos mais famosos exercitos dos tempos passados. Ora a lei, ora o regulamento dos partidos de grande reforma social, é o seu codigo de principios, e na observancia rigorosa d'esses principios esteve sempre a sua unica depuração, que foi sempre, afinal, a sua unica força.

O christianismo só triumphou pelo rigor com que acatou na opposição e nos primeiros tempos de successo a sua doutrina. A Revolução franceza só deixou no mundo solidas raizes pelo puritanismo dos seus admiraveis organisadores.

Essa zombaria constante feita pelos mais qualificados republicanos portuguezes aos *immortaes principios*, esse desprezo pela doutrina, essa ancia do numero, sem apreciação pela qualidade moral dos adeptos, é tudo quanto ha de mais immoral e tudo quanto ha de mais estúpido. Repetimos: e tudo quanto ha de mais estúpido!

Apregoem a habilidade politica que quizerem. Inchem de vaidade suppondo-se os politicos mais habéis do universo. São simplesmente estúpidos. E com essa estupidez teem acarretado desastres sobre desastres á democracia portugueza.

Por amor d'ella! Bem sabemos que não faltam fanaticos a indignar-se contra nós. Mas tambem não faltarão muitos e muitos republicanos a acharem razão no que dizemos. E a esses importa sahirem da sua indifferença quanto antes, para obstarem á continuação d'uma politica prejudicialissima, como os factos vão attestando, á causa que defendem.

As garantias de moralidade, a depuração, dos homens que apregoaram o christianismo, o protestantismo mais tarde, a Revolução por fim, é que impozeram ao respeito dos contemporaneos e dos vindouros a causa que defendiam. Foi o seu procedimento austero. Foi o seu sacrificio. A esse homem que se chamou Marat, a esse ho-

mem que se chamou Robespierre, e a muitos outros, notaram-se cruas. Ninguém lhes notou uma incoherencia nem um acto deshonroso. Ninguém. E n'esse respeito absoluto dos principios esteve o segredo da força espantosa de que dispuzeram e do prestigio immenso que lhes sobreviveram. Ainda ha pouco Viviani, o actual ministro do trabalho no gabinete Clémenceau, lançava publicamente a idea d'uma estatua a Robespierre, que elle proclamava o republicano mais legalista e mais puro do grande periodo da Revolução.

A DICTADURA

Ora se nós fossemos vaidoso, como pretendem varios imbecis, que não nos perdoam a nossa falta de commiseração, não pela sua imbecilidade, que por essa te-la-hiamos, mas pela sua petulancia, se fossemos vaidoso não estaríamos a esta hora como um odre por termos sido o unico que previu com exactidão os resultados immediatos da dictadura?

Se um partido não se depura na opposição, como chegando por esse simples facto já desacreditado ao poder, se ha de depurar na hora perigosa do goso, e por entre a avalancha de viciosos que de toda a parte o mesmo goso attrahe?

Oh, que imbecis! Oh, que imbecis!

Se não ha escrupulos na opposição, no periodo da propaganda, da adversidade, que é—demonstração a historia—o periodo de verdade e de pureza em todos os partidos, como os ha de haver no periodo de prosperidade? Quem acredita que os haja?

Pois o mais insignificante raciocinio não mostrava logo a nenhuma probabilidade da queda immediata do governo?

Essas mentiras não enganam ninguém. Ninguém. O que o sr. Teixeira de Queiroz, e tantos outros, deixam apenas provado, é que o programma democratico não passa para elles d'uma espantalha erguido em face dos tolos, d'um trapo, como um trapo foi desde o principio, e é, a carta constitucional para os monarchicos.

Que imbecis! Que imbecis! E são estes imbecis que dirigem partidos e que governam e aspiram a governar povos!

Contra isso protestaremos sem cessar. E' tempo dos republicanos, que o são por amor dos principios, verem o perigo, e affronta ao mesmo tempo, d'esse zombar, d'esse escarnecer continuo dos mais nobres ideaes.

Pois não era de ver que o rei não podia, sem se exauctorar, retroceder immediatamente? Como admittiam tantos imbecis que o governo não iria alem de 24 horas, de 48 horas, de tres dias de dictadura, como diziam e como escreviam? Atreviam-se a escrever-lo! Ainda na quarta-feira uma gazeta republicana annunciava que o governo não passaria d'esse dia!

SIM, SENHOR

Escreve-nos um assignante a perguntar se não continuamos as Impressões do Extranjeiro.

Não ha que ver. D'escopeta na mão, ou de laço armado para apanhar traiçoeiramente o cidadão que passa descuidado, são de primeirissima ordem. Mas em sendo preciso recorrer á intelligencia, é sempre esta desgraça que se vê.

Sim, senhor. Com mais dois numeros concluiremos os artigos Responsabilidades, e voltaremos, depois, aos assumptos do costume.

O genio portuguez cifra-se na arte de roubar, de atraiçoar, de matar. Emeritos bandidos!

Comissão Municipal Republicana

Foi eleita a seguinte comissão municipal republicana n'este concelho:

O rei recuará, sim, como dissemos, se visse na sua frente um grande perigo. E' evidente que o rei não está disposto, não podia estar disposto, a jogar o throno n'uma aventura. Mas quem é que o ha de fazer recuar? Hintze Ribeiro? José Luciano? Bernardino Machado? Nossa Senhora do Juizo!

Effectivos:—Dr. Francisco Antonio Marques Moura, José da Fonseca Prat, Henrique dos Santos Rato, Eugenio Ferreira da Costa, Eduardo Pinho das Neves.

Quem é encarregado pela constituição de velar pela mesma constituição é o rei. Logo, era maior a responsabilidade do rei, concedendo a dictadura, que a de João Franco, pedindo a dictadura. Então o rei, depois de assumir uma responsabilidade de tal ordem, havia de desfazer a sua obra d'um dia para o outro, só porque os conselheiros d'Estado lhe iam dizer: olhe que vossa magestade esqueceu-se de nos consultar como manda a lei?

Substitutos:—Sertorio Affonso, Francisco Casimiro da Silva, Manuel Rodrigues Paula Graça, José Maria Pinheiro e Pompilio Ratola.

E' boa! Não sabia o rei que se tinha esquecido? Não saberia o rei que Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro iam fazer beicinho?

Independentes do partido republicano, todo o nosso desejo, no entanto, é que elle corresponda á sua missão, e, por isso, não deixaremos de prestar á comissão de Aveiro todo o apoio de que ella justamente e democraticamente carecer, e democraticamente e justamente esperamos vê-la em tudo proceder, como garantem os nomes que a compõem, alguns dos quaes nós conhecemos como de leaes e sinceros servidores da causa democratica e de homens sem mácula e sem medo.

Oh estupidez! Oh bestialidade portugueza!

«O Proletario»

Sahi o primeiro numero d'este periodico, orgão das classes operarias. Apresentou-se bem, prometendo collaboração escolhida.

Como imaginou a mentalidade, a alta mentalidade indigena, representada em tanto jornal de Lisboa e Porto, que El-Rei, espavorido, se apressaria a deitar da janella abaixo o ministerio?

Que progrida é o que sinceramente lhe desejamos.

Só deante de duas ou tres baterias d'artilleria. Mas onde estariam os artilheiros para carregar, assestar, e disparar as peças?

Ah brutos, ah brutos! Essa força, precisamente, tem-a o rei. Apoderou-se d'ella inteiramente, á sombra da vossa incuria, da

vossa leviandade, da vossa ignorancia, da vossa estupidez.

Ah brutos, que tendes o castigo que merecestes!

Homens de letras, que não valeis, todos somados, um homem de trêtas!

Peralvilhos, casquilhos, que passaes o tempo a mirar-vos na prosa artistica como as cocottes n'um espelho!

Excepção feita do Mundo, que esse, de casebeque amarello e saio encarnado, toilette que dispensa espelho, chama da janella do bairro alto os freguezes para a... revolução. Coitado, e já está rouco de berrar, sem subir ninguém!

Soprae-lhe ás botas, soprae-lhe ás botas!

E limpae a mão á parede!

Dissemos e repetimos: a dictadura não será longa. Mas, por enquanto, aguenta-se. O tempo preciso para mostrar a fraqueza do espirito liberal e a força do poder real.

Entretanto, como já morreu o Jesuino, tocae vós o hymno, ó Bernardino!

ASSIM É QUE É

Em vista da grande subida que teve o tabaco de todas as qualidades, muitas fumistas d'esta cidade deixaram de fumar por completo, resentindo-se já da falta os depositos e as casas de revendedores.

Applaudimos todos os fumistas que conseguiram dominar o terrivel vicio do fumo, tão prejudicial á saude como á algibeira.

ARMANDO DA SILVA

Após um prolongado soffrimento que lhe vinha minando a existencia, falleceu n'esta cidade este excellente rapaz, que era dotado de boas qualidades.

Era ainda novo. A toda a familia enlutada enviamos o nosso cartão de pezaes.

COMMUNICADO

QUESTÃO DE... UMA FOSSA

Em Lisboa, nas ruas onde ainda não estejam estabelecidos encanamentos de esgotos, a camara municipal obriga os interessados proprietarios de casas cegas—sem fundos—a estabelecerem, na via publica, uma fossa para materias feacas, ficando os mesmos tambem obrigados a dar parte na repartição de limpezas todas as vezes que fór necessario esvaziar a dita fossa para que esse serviço seja feito por empregados da camara encarregados da limpeza publica.

Isto faz-se na primeira capital do reino e a bem da hygiene.

Vejam agora o que faz uma camara que decreta sobre hygiene aldeã:

Em Sarrazolla, d'este concelho, n'uma casa cega—sem fundos—um municipio que habita Lisboa pretendeu, á moda do que alli se faz, abrir uma fossa na rua publica. Para tal fim, esse municipio, Manuel Caetano Valente, representado pelo tambem municipio abaixo assignado A. M. Ferreira, requereu á camara a precisa auctorisação, declarando que se responsabilisava pela boa execução da obra quaesquer que fossem as condições que a camara lhe impozesse; declaração verbal feita na sessão de 17 de abril ultimo.

Este requerimento foi lido e submettido a sua materia á apreciação da camara na dita sessão de 17 do mesmo mez.

Um illustre vereador o sr. Henrique da Costa manifestou-se logo contra a concessão; disse coisas que não

lembram ao diabo e, depois de certa discussão, um outro vereador, sr. Luiz da Naya, declarou-se incompetente para deliberar sobre o assumpto e propoz que o requerimento fosse enviado á Delegacia de saude para informar, podendo, depois, com segurança de não errar, resolver a questão, sem offensa aos direitos do interessado nem aos da saude publica. Esta proposta foi approvada por unanimidade.

Na sessão de 8 do corrente foi lida a informação dada pela Delegação de saude e, essa informação é do teor seguinte:

A fossa sendo construida de modo que as suas seis paredes sejam impermeáveis em nada pode prejudicar a saude publica.—Aveiro, vinte e dois de abril de mil novecentos e sete.—O subdelegado de saude, Armando da Cunha Azevedo.

Em face d'esta informação parece que a camara não tinha que hesitar, o seu caminho seria o do—deferimento. Pois coisa muito diversa foi o que aconteceu:—O Ex.^{mo} Sr. presidente ponderou que, não estando presente o representante do interessado por se achar doente como acabava de ser informado pelo sr. dr. Peixinho, seu medico assistente, achara conveniente que se addiasse aquella deliberação para a sessão seguinte. Isto parece-me muito correcto, mas o vereador sr. Henrique barafustou, continuou, com o seu estendal como na outra sessão, dizendo coisas que nem ao pae do diabo lembrariam e, no fim, depois de muito blasonar, já rubro, todo nervoso, sem poder conter o seu nervotismo—em-acção, declarou, do alto da sua importância intellectual e politqueira que—não mais punha os pés na camara se a materia controversa não fosse dicutida n'aquella sessão, declarando-se previamente contra a concessão requerida! não obstante a informação da Delegação de saude! E a camara, desprezando a informação que tinha por dever acatar, lá fez a vontade ao sr. Costa, deixando-se seguir ao som da sereia politica! Como tudo isto é triste!

A camara para attender a um companheiro acata a sua opinião desprovida de conhecimentos technicos de hygiene, desatendendo a opinião que primeiro declarou competente—a da Delegação de hygiene, unica auctorisada para dizer a respeito!

Como tudo isto é triste!!!

Mas a camara desprezou-a porque o sr. vereador assim queria e assim o tinha já declarado; e como que a proteger esta sua vontade achiara-se na sala o ex.^{mo} sr. dr. Pereira da Cruz, que veio em auxilio da eloquencia do sr. Henrique em materia de... fossas.

Estas fanfarronadas do sr. Costa serviram de bussula ao bergantino municipal, já desnordeado por falta de marinheiro que soubesse bem da aginha de marear e... arribou ao primeiro porto de abrigo—o do deferimento!

Triste, muito triste, não é verdade, sr. Henrique?!

Pois bem, até aqui a exposição dos factos perante o meu direito desattendido.

Em artigos subsequentes mostrarei ao publico e principalmente á gente de Sarrazolla até onde chega o zelo e desinteresse do sr. Henrique pelas causas da nossa terra.

Não perderá com a demora.

Aveiro, 17 de maio de 1907.

Antonio Maria Ferreira.

Artigos photographicos,
POR PREÇOS MODICOS,
Vendem-os Felix, Filhos
AVEIRO

GENTRO FOTOGRAFICO
PORTO
R. SÁ DA BANDEIRA—135

20 de maio.—Combate da Alfarrobeira, onde é morto o infante D. Pedro, um dos mais illustres portuguezes, apanhado de surpresa e atacado com forças superiores. Foi victima das intrigas palacianas, 1449.

21 de maio.—Entrada do infante D. Miguel em Evora. O duque da Terceira passa o Tejo em Santarem e o marquez de Saldanha em Salvaterra.

22 de maio.—Morre Espronceda, 1842.

D. José Espronceda, o maior poeta romantico de Hespanha, era um liberal ardente.

Esteve preso e exilado por varias vezes em virtude das suas opiniões liberaes. Tomou parte em Paris na revolução de 1830, alistou-se na legião polaca, voltando a Hespanha em 1833, sendo logo a seguir obrigado de novo a exilar-se. Tomou parte nas revoluções de 1835 e 1836, vindo a morrer em 1842.

Alem de romances e de admiraveis poesias soltas escreveu um poema altamente apreciado «El Diablo Mundo», onde ha um canto soberbo destacado, consagrado á memoria d'uma portugueza, que Espronceda, que estado em Lisboa, apaixonadamente amou.

23 de maio.—O celebre prégador e reformador italiano, Frei Jeronymo Savonarola, é queimado vivo pelos padres, 1498.

24 de maio.—Morre Nicolau Copernico, celebre astronomico polaco, 1543.

25 de maio.—O Marquez de Pombal declara livres e eguaes os mouros e judeus nascidos em Portugal, 1773.

26 de maio.—Morre Joaquim Antonio de Aguiar, o Mata Frades, 1874.

Deve a liberdade a este cidadão um relevantissimo serviço, que deixará o seu nome querido e immorredouro na historia. Foi elle que expulsou os frades! Foi elle que extinguiu as ordens religiosas em Portugal! O celebre decreto de 28 de maio de 1834 será sempre um dos mais notaveis documentos da epocha liberal entre nós.

PAGAR É BRIO

Os srs. Fernando Correia, morador na rua Nova de S. Domingos 75-2.º—Porto, José Pinto Fernandes, morador na rua dos Clerigos 102—Porto, e Manuel de Carvalho Moreira, de Castello de Paiva—Paradella, deixaram de pagar o recibo do Povo de Aveiro nas vezes successivas que lhe foi mandado, como deixaram de responder aos avisos successivos que lhe foram feitos, e devem a esta administração: o 1.º um anno, o segundo e o terceiro seis mezes das suas assignaturas.

Esperamos ainda que suas senhorias paguem o que devem.

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES
DE
Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás sainhas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

MACHINAS "PFAFF,"

- E -

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e no publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

- DE -

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA - SANGALHOS

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afin de que o publico possa encontrar ali as melhores distracções.

Para que o servico seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisem de alojamentos ou queesquer outros servicos que ali lhes possam ser fornecidos.

Album Republicano

E' agente em Aveiro d'esta importante revista, o sr. Bernardo de Souza Torres, proprietaria da Veneziana, a quem devem ser dirigidos todos os pedidos de assignaturas.

Feitlos quasi de graça só na

Officina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRIETAL
DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores - AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI
ATRAVEZ DO EGYPTO E DA
VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

Achem de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

TYPOGRAPHIA
 DO
 POVO DE AVEIRO

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 58000
Quadros Parletiacs, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000

Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150

Guia pratico e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

Arte de Escripita—cada caderno, 30

Livros de polémica sobre o Método

A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Critica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700

Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.

Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.

Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripita.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

- DE -

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO